

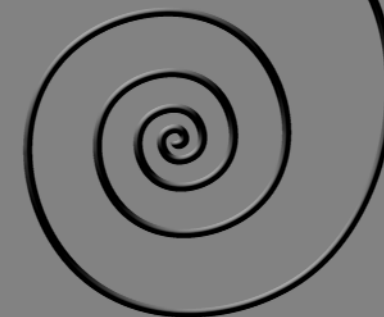
junto de documentação gráfica de qualidade e, sobretudo, em grande parte original, já que o autor se serve do rico acervo da Fondation Le Corbusier. O que acabamos de dizer é também verdadeiro para a utilização de outro tipo de fontes, bem como para as numerosas citações do próprio arquitecto feitas de documentos menos conhecidos.

O volume termina com uma conclusão em forma de balanço a que J. Sbriglio acrescenta em sub-título "La fin d'un monde". Sem que nunca tenha deixado de aproveitar as boas ocasiões para tecer reflexões críticas, quer estéticas quer históricas, ao longo do texto, o autor faz aqui uma súpula bem conseguida, tendo em conta a crítica mais importante à obra de Le Corbusier e, especialmente, ao conceito de *Unité d'habitation*, mas não deixando de defender a sua

opinião. Grande admirador do mestre suíço, prefere lembrar as qualidades inegáveis do arquitecto, a sua coragem de visionário, a sua generosidade ou a sua persistência, e resgatar da precipitação de alguma crítica uma obra fundamental para a arquitectura do século XX. A sua postura é a de um historiador, capaz de afirmar as suas preferências mas sem perder por isso a perspectiva do tempo, aceitando a justeza da crítica, compreendendo as descontinuidades e chamando a nossa atenção para as questões que, no campo da arquitectura e do urbanismo, foram levantadas por Le Corbusier e que continuam a orientar os melhores projectos actuais. E, de facto, para melhor compreendermos essas questões, as *Unités* são incontornáveis.

Maria da Graça Briz

Varia



Xº Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo

De 29 de Outubro a 4 de Novembro de 2005 terá lugar em Co-
nímbriga o Xº Colóquio Internacional
da Associação Internacional para o
Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA).

Pela primeira vez reunido em
Portugal, este Congresso propõe-se
continuar, agora entre nós, uma
reflexão aprofundada sobre o que foi
e o que significou a arte do mosaico
em todo o mundo romano, dando
lugar a notícias, leituras e projectos de
investigação. Nas suas nove edições
anteriores, o Colóquio da AIEMA
revelou-se como autêntica escola de
especialistas que, nas diferentes ver-
tentes de uma manifestação artística
tão representativa da cultura e civiliza-
ção romanas, registaram e trabalharam
documentalmente testemunhos da
técnica e da arte do *opus tessellatum*
em torno de toda a bacia do Medi-
terrâneo. Não admira, pois, que em
2005 se pretenda dar destaque ao
mosaico na arte ocidental do Império,
designadamente na Península Ibérica.

Espera-se uma participação significativa
de investigadores portugueses, que
têm esta oportunidade para também
tomarem mais conhecido internacional-
mente o nosso património musivo e
testemunhar que, em Portugal, também
se estuda no âmbito da História da
Arte o mosaico romano, com especia-
listas capazes de desenvolver signifi-
cativos projectos de investigação neste
campo.

Os temas a tratar neste Xº Coló-
quio serão os seguintes:

1. Arte, oficinas e artistas no mosai-
co antigo.
2. Cronologia e geografia dos temas
no mosaico antigo.
3. O mosaico na *pars occidentalis* do
Império.
4. O mosaico na *pars orientalis* do
Império.
5. O mosaico no período tardo-an-
tigo.
6. O mosaico antigo na Península
Ibérica.

M. J. Maciel

VIº Encontro Internacional de Estudos Medievais

De 6 a 8 de Julho de 2005, vai
decorrer na Universidade Estadual de
Londrina (Paraná), em parceria com a

a Universidade Estadual de Maringá, o
VI Encontro Internacional de Estudos
Medievais (EIEM), uma actividade bie-

nal que a Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), jovem associação fundada em 1996, se propôs desde início realizar. O dinamismo de seus numerosos associados, verdadeiramente notável, é visível na continuidade destes encontros, sempre em diferentes regiões do País, e na publicação de uma revista – *Signum* – que vai já no número 6.

Os encontros internacionais, resultantes do progressivo interesse que os investigadores brasileiros têm demonstrado pela época medieval, visam a comunicação entre as diversas áreas de estudo medievais, a integra-

ção entre investigadores do Brasil e do estrangeiro e a divulgação das suas pesquisas.

Os eixos temáticos do VI Encontro abrangem áreas medievais tão diversificadas como Filosofia, Educação, História, Ciência e Religião, Economia, Arte e Literatura, Filologia e Linguística, e ainda um olhar sobre leituras contemporâneas da medievalidade – cinema, literatura e arte, estando a coordenação a cargo das Professoras Doutoras Angelita Marques Visalli (DHI/Uel) e Terezinha Oliveira (DFE/PPE/Uem).

José Custódio Vieira da Silva

Filipe Terzi em Miramar

A recente descoberta na Hofbibliothek de Viena de um atlas aguarelado em 1634 para Filipe IV de Espanha, mostrando a voo de pássaro os litorais da Península Ibérica (incluindo Portugal) em preciosas vistas corográficas do seu recorte costeiro com os portos, fortificações, vilas, cidades, planícies, vales, rios e montanhas, e a imediata publicação numa editorial de luxo (Felipe Pereda e Fernando Marías, eds., *El Atlas del Rey Planeta*, Nerea, 2002) trouxeram alguns dados novos e inesperados.

Além disso, mais uma obra da prolífica família de cartógrafos portugueses Teixeira Albernaz, pois é da autoria de Pedro Teixeira, que foi cedo para Espanha e lá ficou (nasc. c. 1595, já em 1618 acompanhava o irmão mais velho, João, numa expedição ao estreito de Magalhães e servia na armada espanhola como desenhador), mais conhecido como o autor da célebre planta de Madrid *Mantua Carpetanorum* (1656), que os espanhóis insistem em designar por “Pedro Tejera”, ignorando os seus vínculos

com a escola lusitana. De facto, na Restauração preferiu continuar ao serviço dos Áustrias, sendo já o braço direito do Conde-Duque de Olivares e auferindo um bom salário.

O livro agora revelado, que lhe tomou 12 anos de trabalho, consta de um álbum de 90 folhas iluminadas com as vistas cavaleiras desde Fuenterrabía até Rosas, no Rossilhão, sob o título *Descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos* – de que 16 folhas cabem a Portugal e 5 ao Algarve –, acompanhado de um texto à parte: um pequeno volume in 8º que deve ter servido de preparatório à versão final (nunca feita) e que se conserva hoje na Biblioteca da Universidade de Upsala, também publicado por Marías e Pereda.

É aí que se lê (fl.47), ao comentar o trecho da barra do Douro ao porto de Aveiro, que a costa é uma extensa praia de areia onde podem desembarcar lanchas e até naus com segurança. *Dos léguas junto a u arroyo está una peña que dicen piedra de la Soreira adonde se yntentó azer un fuerte, y para ello mandó el catolico rey don Felipe II a Felipe Terçio, yngeniero, y por entonces no tuuo efecto, para la seguridad delas dichas plaías y surgideros que junto a esta peñas están, donde bienen muchos piratas y azen agua, dando fondo sin temor que les ofendan. [...] Adelante desta dicha*

piedra se estiende una larga plaia al mediodía toda de arena, donde no se puede dezenbarcar por la mucha resaca que la mar ase en ella, por espaço de nueve leguas asta la barra del río Vouga (fl.47vº). A pedra não aparece no desenho, mas a explicação é clara.

Teixeira refere-se ao troço costeiro entre a praia de Lavadores (Gaia) e as dunas de São Jacinto, ignorando entre elas a Aguda, Espinho, Esmoriz e Ovar. Sinal de que os levantamentos hidrográficos que fez não foram tão exaustivos e cuidadosos como refere, mas sinal também de que o cartógrafo, *historiador* como diz que também era, escutou as populações locais e registou lembranças já com mais de quarto de século. A ameaça da pirataria moura era, de facto, o flagelo desses anos, adiante refere que em 1626 Buarcos foi saqueada pelos berberiscos brutalmente, voltando ao mar carregados de escravos (fl.48vº).

A “Pedra da Soreira” é o bem conhecido penedo que se ergue na praia de Miramar (como foi baptizada no século XIX), à beira-mar, encimada pela capela de romaria do Senhor da Pedra, em Francelos (Gulpilhares). O culto, de origem pré-histórica, é talvez a razão pela qual não foi destruída para dar lugar a uma fortaleza em fins do século XVI: fica-nos, porém, a

certeza de que Filipe Terzi foi lá enviado por Filipe II com esse intuito. Ignoramos a data, mas o mais provável é ter sido durante a longa estadia em Coimbra em 1585 para estudar o problema do assoreamento do Mondego e sua ponte; e que, para o projecto e na povoação mais próxima, a vila de Aveiro. Ora, de 1585 data um documento que Marques Gomes publicou em 1875 mas cujo original desapareceu – o que tem levado os estudiosos a duvidarem da sua veracidade – pelo qual são pagos em Aveiro a Filipe Terzi sete dias de trabalho pelo desenho que fez para a

igreja da Misericórdia dessa vila. É curioso como a sua ida à Soreira impressionou de tal modo a população da zona que meio século depois ainda era relatada ao cartógrafo Teixeira Albernaz. Assim, a referência deste em 1632 não só prova que o engenheiro-mor por lá trabalhou algum tempo no plano, não realizado, de um forte no Senhor da Pedra, como aumenta fortemente a probabilidade de ser de facto ele o autor do projecto da Misericórdia de Aveiro durante a sua permanência aí para os estudos na actual praia de Miramar.

Rafael Moreira

Comemorações do centenário da morte de Rafael Bordalo Pinheiro

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) foi uma figura axial da cultura portuguesa de finais do século XIX. Pertencendo à geração ilustre dos artistas fundadores do naturalismo pictórico (retratados pelo seu irmão, Columbano Bordalo Pinheiro, no célebre quadro *O Grupo do Leão* de 1885, hoje pertencente ao Museu do Chiado), especializou-se, desde a juventude, na caricatura e na ilustração, de acordo com uma das áreas mais estimulantes da arte europeia do tempo que Daumier genialmente representou.

De acordo com esta realidade, Rafael utilizou o desenho sobretudo como arma de arremesso contra a política e os políticos seus contemporâneos. Por isso, foi artista-jornalista, responsável por extraordinárias revistas como *A Lanterna Mágica*, *O António Maria* ou *Pontos nos Iis*, para citarmos apenas as que mais se destacam na sua obra magna. Com a colaboração de escritores como Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida e, sobretudo, Guilherme Azevedo, elaborou uma contra-história sistemática do constitucionalismo monárquico português

que, hoje, nenhum historiador desta época pode ignorar. Mas não só da história política se ocupou Rafael: homem de tertúlias e grande amante das artes, empenhou-se na crítica teatral e musical, destacou o percurso dos principais escritores e pintores, portugueses e, às vezes, estrangeiros, nomeadamente brasileiros. Por isso, as suas revistas são uma das realizações maiores de um período excepcionalmente brilhante, consequência da liberdade de expressão que, apesar de muitos constrangimentos, existia e era orgulhosamente reivindicada.

Registe-se ainda que, em 12 de Junho de 1875, nas páginas de *A Lanterna Mágica*, Rafael fez nascer a figura do Zé Povinho, camponês boçal, ignorante e esperto que, representando a pátria e o povo, suportava, com resignação, o peso do Estado, dos grupos dominantes e do atraso nacional. Criação contextualizada na cultura ocidental do tempo, permanentemente preocupada com a questão nacionalista, o Zé Povinho mantém, no entanto, uma actualidade perturbante, tanto mais que, nas inúmeras figurações rafaelianas, algumas vezes, ameaça erguer-se, no corpo da Revolução, e, outras vezes, parece querer aburguesar-se.

Outro aspecto da herança de Rafael respeita à sua aventura de industrial cerâmico, criando e dirigindo

a sua fábrica das Caldas da Rainha. O objectivo era ambicioso, bem situado nas questões do nascente patrimonialismo oitocentista: valorizar um artesanato regional, utilizando os seus recursos e memórias, e, simultaneamente, renová-lo como *Arts and Crafts*, através dos temas e das formas que se abrem ao historicismos estilísticos e à constelação múltipla da *Arte Nova*, assumida, no entanto, como saboroso casticismo.

Os estudos sobre Rafael Bordalo Pinheiro são relativamente vastos e de qualidade desigual, todos referenciados pela obra magna de José Augusto França (Bertrand, 1980) cuja reedição agora se anuncia e saúda. Comemorações a destacar são também as obras que estão prestes a iniciar-se no velho e modestíssimo museu que lhe é dedicado, pertencente à Câmara Municipal de Lisboa. O objectivo é que o Museu reabra ainda em 2005, arejado, cómodo e estimulante, valorizando o seu excepcional espólio gráfico com meios museológicos actuais. No mesmo âmbito, estão a ser preparados o roteiro do museu, uma exposição itinerante e um filme sobre a obra e seu contexto internacional. Anuncia-se também um espaço de exposições temporárias, anexo ao museu, a inaugurar com uma exposição de artistas contemporâneos a que o comissário

João Pinharanda dá o título “Contrato Social”, mimando as referências ideológicas do liberalismo oitocentista, a que Rafael foi tão fiel, e o próprio

estatuto do artista que ele entendeu como figura de provocação e inquietação.

Raquel Henriques da Silva

Duzentos e cinquenta anos depois do Terramoto

Um das efemeridades mais férteis deste ano de 2005 diz respeito às comemorações do Terramoto de 1755 que, como se sabe, na manhã de 1 de Novembro, destruiu grande parte de Lisboa e causou danos em muitas outras cidades e vilas, particularmente na região envolvente da capital e no Algarve.

Não sendo possível, nesta breve notícia, registar a abundante bibliografia que já está a ser editada sobre o dramático evento, nem os vários congressos que irão decorrer, quase todos por iniciativa académica, prefiro destacar uma coincidência que, com optimismo, pode considerar-se promissora: por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa e com o indispensável acordo da Comissão Portuguesa da UNESCO, está a ser preparada a candidatura da *Baixa* a Património da Humanidade. Trata-se de uma candidatura viável, considerando que a cidade, reconstruída segundo o designado Plano Pombalino (na verdade delineado por Eugénio dos Santos, sob a definição conceptual de Manuel da Maia), rompe e transfigura a imagem de


Lisboa, adequando-se a uma excepcional modernidade técnica e urbanística, devedora da tradição urbanística portuguesa que vinha a ser exercitada em todo o Império, particularmente no Brasil.

Há, no entanto, muitas questões a acautelar, relacionadas com o grave estado patrimonial dessa zona da cidade que vem sofrendo dos problemas de todos os centros históricos: desertificação, circulação excessiva durante o dia, desadequação do comércio, excesso de terciarização, envelhecimento das infraestruturas. Por isso, a Candidatura referida deve ser encarada sobretudo como oportunidade para reinventar a Baixa como lugar significativo de Lisboa, mantendo a sua indispensável memória, mas, simultaneamente, abrindo-a à possibilidade de vida contemporânea. A resposta positiva a este desafio será a comemoração mais produtiva do grande terramoto, homenageando quem a delineou e edificou com a rara grandeza que hoje ainda usamos e que sempre nos comove.

Raquel Henriques da Silva

IX CURSO LIVRE DE HISTÓRIA DE ARTE

- 2005 -



ICONOGRAFIA

Imagens e Interpretações

■ **SESSÕES (18:30)**

■ **9 de Março**
Sanctuaria rupestres da época romana em Portugal: sepulchra ou lacus rituais?
Prof. Doutor Justino Maciel

■ **14 de Março**
Interação mosaico-arquitetura na arte romana em Portugal.
Dra. Francine Alves

■ **30 de Março**
Estuques romanos em Portugal: revestimento ou pintura?
Dra. Maria Augusta Rosário

■ **6 de Abril**
A imagem de si – a representação da nobreza nos jazentes dos séculos XIII-XIV.
Prof. Doutor José Custódio Vieira da Silva

■ **13 de Abril**
O que dizem os textos, o que mostram as imagens. Programa iconográfico de um manuscrito bíblico.
Prof. Doutora Maria Adelaide Miranda

■ **20 de Abril**
As cores das imagens – a propósito da iluminura alcobacense nos séculos XIV e XV
Prof. Doutor Horácio Peixeiro

■ **27 de Abril**
Imago Mundi – a Pintura ao estilo ocidental no Japão (séculos XVI-XVIII)
Dra. Alexandra Curvelo

■ **4 de Maio**
Ver para Ter – a abundância das imagens na Holanda do século XVII
Dra. Ana Vasconcelos e Melo

■ **11 de Maio**
Iconografia e dimensão crítica na pintura portuguesa do Renascimento
Prof. Doutora Dalila Rodrigues


■ **18 de Maio**
O 26 Povinho de Rafael Bordalo Pinheiro
Prof. Doutora Raquel Henriques da Silva

■ **25 de Maio**
Vilegiatura balnear – propaganda e realidade
Prof. Doutora Graça Briz

■ **1 de Junho**
A construção de mundos em Pedro Cabrita Reis
Dra. Joana Cunha Leal

■ **8 de Junho**
Duas curiosidades iconográficas em desenhos do século XVI
Prof. Doutor Eduardo Batarda

Organização



Instituto de História de Arte
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Avenida de Berna, 26 C
1069-061 Lisboa

Contactos e inscrições

Instituto de História de Arte
tel.: 217933919/519 ext.: 540
fax.: 217977759
e-mail: iha@fcs.h.unl.pt

